

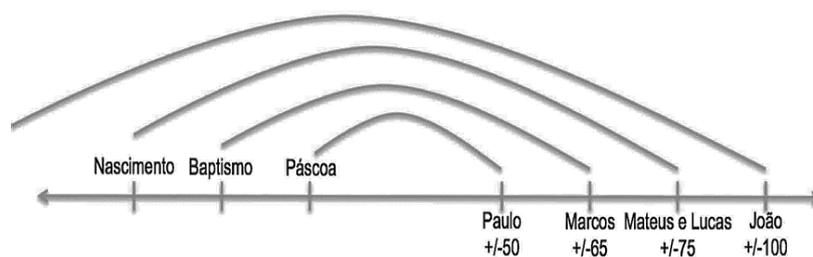
Reflexão II

Desde quando Jesus de Nazaré é o Messias, o Ungido, o Filho de Deus?

Comecemos por recordar o que dissemos na sessão 20.

.....

Marcos, Mateus, Lucas e João escreveram em tempos diferentes aquilo que as suas comunidades viviam como experiência pascal de Jesus de Nazaré. Eram comunidades diferentes e, portanto, viviam esta mensagem de forma diferente. Uns eram conhecedores do AT (judeus aderentes ao Cristo– comunidade de Mateus, outros judeus e gentios, provenientes de culturas politeístas ou ateias). Percebamos a forma como as 4 evangelistas estruturaram os seus Evangelhos. Também Paulo porque isso nos será importante nesta formação bíblica.



Paulo não conheceu, como seguidor, Jesus de Nazaré durante a sua missão pública entre os anos 27 d. C /30 d.C. Constrói todas as suas cartas a partir do Jesus ressuscitado. Um Jesus totalmente divino.

Marcos conhece Jesus, embora não tenha sido apóstolo. Vivenciou no tempo histórico o que aconteceu e estava próximo dos acontecimentos. Os seus escritos dão-nos uma leitura da vida pública de Jesus de Nazaré, um Jesus muito humano. É hoje compreensível, ou não, a possível causa de afastamento de Barnabé e Marcos (João Marcos) de Paulo. De um Jesus só Cristo (Paulo) para um Jesus humano e também Cristo (divino) (Marcos);

Mateus e Lucas são os únicos que projetam Jesus como Filho de Deus, desde a encarnação (nascimento). Deus feito Homem.

João constrói o seu Evangelho a partir da certeza (?) que Jesus antes de ser Homem já era Deus. Deus veio visitar o Seu povo.

.....

Reflitamos:

Mas, afinal, desde quando Jesus de Nazaré é o Messias, o Ungido de Deus, o Cristo?

A maior dificuldade que temos ao ler os Evangelhos é ver Jesus de Nazaré como um ser humano. Muito, muito difícil. É fácil ver que é Deus. Muito difícil acreditar que foi homem como cada um de nós. Muitos ainda aceitam que foi homem, mas diferente de cada um de nós. Assim como que um Deus com biologia. Fique claro, desde já, que o mistério da Encarnação não foi, nunca foi, a biologização da segunda pessoa da Santíssima Trindade. Peçamos a Jesus leveza de Espírito para bem entender a Sua Palavra. Temos de perceber toda a simbólica que está nos Evangelhos para além de alguns factos históricos. Não podemos ler “à letra” o conteúdo da boa notícia.

A linguagem simbólica é uma linguagem da Verdade para a Verdade, uma linguagem verdadeira. O simbólico não é o contrário da Verdade. O simbólico não é a mentira. A linguagem simbólica serve, não para desdizer uma Verdade, mas para dizer uma Verdade ainda mais profunda e que não é, facilmente, traduzível por palavras. A linguagem simbólica que encontramos no NT, para além de ser Verdade ainda mais profunda, é utilizada para nos esclarecer melhor a missão de Jesus de Nazaré.

Vejamos, então, como foi (foram) construído(s) o(s) olhar(es) sobre Jesus de Nazaré e a sua missão ao longo da 1ª. 2ª ... gerações cristãs, de modo a mostrar-nos a sua condição de Messias, Ungido de Deus, unido com o Pai.

No NT e em especial nos Evangelhos, não encontramos uma apresentação da boa notícia a partir de um Jesus de Nazaré cronológico, que nasce, vive e morre. O NT transmite-nos a experiência do Jesus Pascal. A partir da ressurreição de Jesus e se ressuscitou (assim cremos), se foi ressuscitado por Deus, que experiência nos abre?

Agora, olhando para trás, como ver a missão de Jesus? Olhando para trás, como ler/ver João, o Batista, Maria, Isaías, Jeremias, todos os profetas, Moisés, Êxodo dos nossos antepassados a partir do Egito, Adão ...?

Como humanos limitados, a primeira coisa que apanhamos é o que nos está próximo. Fazemos esse exercício com a vida de Jesus de Nazaré. Projetemos a Sua vida. E daqui. Como ler o significado:

- da sua morte;
- da sua missão;
- do sentido do seu anúncio;
- do significado da sua mensagem:
- dos sucessos e fracassos dos seus gestos e sinais;
- do chamamento dos seus seguidores;
- da Última Ceia;
- do Batismo no Jordão;
- do nascimento
- Etc. Etc...

Para o NT, desde quando, a partir de que momento, Jesus de Nazaré é o Messias, o Filho de Deus, o Ungido consagrado pelo Espírito, o insubstituível para Deus na missão de salvação?

Vamos encontrar muitas respostas. À medida que o tempo passa, a Igreja evolui, olha para trás, cada vez mais para trás, vendo a resposta dada pelo Jesus Pascal a alargar-se e de maneira a atuar para a frente.

Paulo

Para Paulo, primeiro autor do NT (anos 50/55d.C) e, consultando, a Carta aos Romanos: **Rom 1, 1-7:**

¹Paulo, servo de Cristo Jesus, chamado a ser Apóstolo, escolhido para anunciar o Evangelho de Deus, ²que Ele de antemão prometera por meio dos seus profetas, nas santas Escrituras, ^{3}acerca do seu Filho, nascido da descendência de David segundo a carne, **⁴constituído Filho de Deus em poder, segundo o Espírito santificador pela ressurreição de entre os mortos, Jesus Cristo Senhor nosso;** ⁵por Ele recebemos a graça de sermos Apóstolos, a fim de, em honra do seu nome, levarmos à obediência da fé todos os gentios, ⁶entre os quais estais também vós, chamados a ser de Cristo Jesus; ⁷a todos os amados de Deus que estão em Roma, chamados a ser santos: graça e paz a vós, da parte de Deus nosso Pai e do Senhor Jesus Cristo! *Bíblia dos Capuchinhos (negrito e sublinhado nosso)**

Para Paulo, Jesus de Nazaré só se tornou o insubstituível para Deus para realizar a salvação do povo, só foi o Messias, o Ungido, na Sua ressurreição. Paulo vai reler a vida de Jesus de Nazaré a partir daqui. Para Paulo, a hora em que foi Ungido como Filho de Deus, foi na Sua Ressurreição. Deus “marcou-o” nessa hora.

Marcos

Marcos escreve por volta dos anos 60/65 d. C. Há, na boa notícia que escreve para a comunidade de cristãos, uma releitura dos acontecimentos. Vendo o que aconteceu na Ressurreição, fica claro que toda a missão pública de Jesus de Nazaré, toda a Palavra que deixou, toda a Missão que “protagonizou” já foi obra de alguém escolhido por Deus, Ungido, Messias. E tal vem desde os anos 27 d. C quando Jesus de Nazaré foi batizado no Jordão pelo profeta João. Aquele de quem Jesus de Nazaré, disse: **Lc 7, 28 “Eu vos afirmo que dentre os nascidos de mulher não há um ser humano maior do que João.”** Mas, atendendo à limitação do seu evangelho, como já vimos na reflexão anterior, o mesmo Jesus de Nazaré haveria de dizer: **“Lc 7, 28 “Todavia,**

o menor no Reino de Deus é maior do que ele”. Para Marcos, não restam dúvidas quando Jesus de Nazaré foi Ungido pelo Espírito de Deus. É obra do Espírito que sobre Ele desceu no Jordão. E é aí que Marcos começa o seu Evangelho. Curiosamente, com a afirmação: *“Princípio do evangelho de Jesus, Cristo, Filho de Deus”*

Mateus e Lucas

Estamos por volta dos anos 65/75 d. C. Já se “avança” o olhar um pouco mais para trás. E uma conclusão: Jesus de Nazaré é “ideia” de Deus desde a Sua concepção, ainda como resultado da linguagem e acontecimentos pascais. É por isso, que os evangelistas – Mateus e Lucas - iniciam os seus evangelhos com a anunciação a uma jovem de Nazaré. Vai ser mãe e o filho será chamado Emanuel, o Deus conosco.

Chegados aqui, vemos que apenas Mateus e Lucas abordam o nascimento de Jesus de Nazaré. Depois, apenas Lucas fala dum pequeno episódio da vida do Jesus de Nazaré – perda no Templo de Jerusalém aos 12 anos - entre o nascimento a o Seu aparecimento junto ao Jordão para ser batizado. Todo este espaço fica vazio, a precisar de explicação, ou talvez não. Aquilo que se convencionou chamar “*o período oculto da vida de Jesus de Nazaré*”. Voltaremos a este tema noutra reflexão.

Uma importante nota de reflexão para mais tarde entender os evangelhos da infância de Jesus.

Se “o foco” da vida deste Homem, Jesus de Nazaré, como alguém extraordinário tem que ver com a sua vida pública – pós Batismo anos 27 d. C/30d. C - uma questão surge de imediato: Quem e como foi acompanhada a vida de Jesus de Nazaré para trás deste acontecimento? Talvez a família e poucos mais. Porém, agora os Seus seguidores pós Ressurreição, sabem que o Jesus de Nazaré é humano e divino, pelo menos (ainda não se vê mais) desde a Sua concepção. É clara na igreja cristã nascente que o Messias é “ideia” de Deus desde a sua concepção. Mas, então, como relatar esses tempos? Por inspiração divina? Certamente, mas bastante mais no sentido de uma construção que signifique uma Verdade profunda. O melhor para isso é uma “construção simbólica”. Portanto, percebamos o significado/sentido/Verdade da construção simbólica, dos Evangelhos de Mateus e Lucas. Trabalharemos isso noutra reflexão.

João

Chegamos aos anos 95 d. C/100 d. C. João, que aqui identificamos como o redator do quarto Evangelho, está capacitado para ver ainda mais para trás. Jesus de Nazaré é pertença de Deus desde os mistérios da Criação. Querido e desejado para ser o insubstituível de Deus na História da Salvação, desde a eternidade. Nunca ninguém tivera a disponibilidade para a cumprimento da Promessa. O quarto evangelho começa da mesma forma que nos aparece no Génesis: No princípio...em grego ἀρχή (archē): princípio, começo.

João 1, 1 - 18

PRÓLOGO (1,1-18)

“1¹No princípio existia o Verbo; o Verbo estava em Deus; e o Verbo era Deus. 2²No princípio Ele estava em Deus. 3³Por Ele é que tudo começou a existir; e sem Ele nada veio à existência. 4⁴Nele é que estava a Vida de tudo o que veio a existir. E a Vida era a Luz dos homens. 5⁵A Luz brilhou nas trevas, mas as trevas não a receberam. 6⁶Apareceu um homem, enviado por Deus, que se chamava João. 7⁷Este vinha como testemunha, para dar testemunho da Luz e todos crerem por meio dele. 8⁸Ele não era a Luz, mas vinha para dar testemunho da Luz. 9⁹O Verbo era a Luz verdadeira, que, ao vir ao mundo, a todo o homem ilumina. 10¹⁰Ele estava no mundo e por Ele o mundo veio à existência, mas o mundo não o reconheceu. 11¹¹Veio para o que era seu, e os seus não o receberam. 12¹²Mas, a quantos o receberam, aos que nele creem, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus. 13¹³Estes não nasceram de laços de sangue, nem de um impulso da carne, nem da vontade de um homem, mas sim de Deus. 14¹⁴E o Verbo fez-se homem e veio habitar conosco. E nós contemplámos a sua glória, a glória que possui como Filho Unigénito do Pai, cheio de graça e de verdade. 15¹⁵João deu testemunho dele ao clamar: «Este era aquele de quem eu disse: 'O que vem depois de mim passou-me à frente, porque existia antes de mim.'» 16¹⁶Sim, todos nós participamos da sua plenitude, recebendo graças sobre graças. 17¹⁷É que a Lei foi dada por Moisés, mas a graça e a verdade vieram-nos por Jesus Cristo. 18¹⁸ Deus jamais alguém o viu. O Filho Unigénito, que é Deus e está no seio do Pai, foi Ele quem o deu a conhecer.”

Estamos chegados ao ponto de entender, em definitivo, o Jesus humano e o Jesus divino. Jesus Homem “foi apanhado” pelo mistério de Deus. Projetado por Deus desde sempre, acontece em Jesus de Nazaré a total

disponibilidade para uma entrega total ao cumprimento da Missão. Uma cuidada atenção à vida pública de Jesus confirma-nos que foi gente como nós, chorava como nós, emocionava-se como nós, sofria como nós, fazia muitas perguntas para dúvidas existenciais como qualquer um de nós ... mas estava centrado numa Fé inquebrantável que Deus – o *Abba* (Papá) precisava d’Ele para realizar a História da Salvação. Jesus tinha uma fortíssima dimensão da Oração. Punha-se, sempre, ao serviço da Vontade do Pai. Peçamos a Jesus que nos dê leveza de mente e de coração para entender estas coisas sem, nunca, perder a Fé que sendo homem como nós, estava “investido” de uma missão Divina.

Temos dificuldade em perceber isto. Tal decorre da cultura que herdámos do helenismo. A visão dualista das coisas. Bonito/feio, grande/pequeno, alto/baixo divino/humano. Mas, o contrário de humano não é divino. Como se falássemos de condições adversárias. O contrário de humano é (des)humano. E o contrário de divino também não é humano, mas (des)humano. O divino é o humano em plenitude, o plenamente, absolutamente humano.

Recordemos o ato da Criação relatado na Bíblia: Deus criou-nos (humanos,) à sua imagem e semelhança. Portanto, plenamente, absolutamente humanos e em nada (des)humanos.

E foi isso que o Jesus de Nazaré foi plenamente, absolutamente humano (sem pecado porque nunca (des)humano. O pecado é o “desvio do alvo” - *αμαρτια* em grego. O afastamento do projeto de realização plena da Criação de Deus. Pecado pouco ou nada tem a ver com simples transgressão da Lei. Também, mas muito mais que isso. Fomos criados como projeto de Deus para a realização dum programa de humanidade plena. Peçamos ajuda, pela oração, para sermos menos (des)humanos. Sozinhos não conseguimos.

Para concluir, ficam duas referências importantes:

1. O teólogo brasileiro Leonard Boff, no seu livro “Jesus Cristo Libertador”, quando se refere a Jesus de Nazaré escreve “Humano tão humano, só podia ser Deus mesmo”;
2. Na teologia e na pastoral, o Papa Francisco, inclui, sempre, a atenção que devemos colocar na luta permanente com a (des)humanidade e elege-a como mensagem central do cristianismo.

OBS:

**Apoio ao texto a partir de reflexões de P. Rui Santiago, Leonardo Boff e Ariel Álvarez Valdés, José Maria Castillo.
Citações: Bíblia dos Capuchinhos**